

Leonardo Agostini Fernandes

O texto bíblico, a ira de Deus
e os milagres de Jesus

LETRAPITAL

Copyright © Leonardo Agostini Fernandes, 2023

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Do autor

PROJETO GRÁFICO E CAPA Jenyfer Bonfim

FOTO DA CAPA Leonardo Agostini Fernandes
Do interno da pequena igreja de *Dominus Flevit*
("o Senhor chorou") se contempla o muro da Cidade
Santa de Jerusalém, tendo ao lado da cruz a visão do
Domo da Rocha com a cúpula dourada.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F399t

Fernandes, Leonardo Agostini, 1966-

O texto bíblico, a ira de Deus e os milagres de Jesus / Leonardo Agostini Fernandes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

96 p. ; 14x21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-865-1

1. Palavra de Deus (Teologia cristã). 2. Ira - Aspectos religiosos. 3. Jesus Cristo - Milagres.
I. Título.

CDD: 232.2

23-84461

CDU: 27-317

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	5
Apresentação	9
I. Como interpretar um texto bíblico?	13
Introdução.....	13
1. Sete passos para interpretar o texto bíblico.....	15
2. Tradução segmentada do Sl 12	18
3. Notas sobre o Sl 12 em algumas edições críticas	19
4. Breve análise do Sl 12 a partir das notas críticas	24
5. Os sentidos da Sagrada Escritura	26
6. Quem é o Deus da Bíblia?.....	32
Considerações finais.....	36
II. A ira de Deus na Sagrada Escritura	38
Introdução	38
1. Que é a ira?.....	40
2. O tema bíblico da ira de Deus	41
3. Terminologia bíblica	46
4. A ira de Deus no Antigo Testamento	47
5. A ira de Deus no Novo Testamento.....	53
6. Os problemas de tradução.....	54
7. Avaliação geral.....	58
8. Análise do Sl 69.....	59
Considerações finais.....	64

III. Os milagres de Jesus: Mito ou História?	66
Introdução	66
1. Os milagres na Sagrada Escritura	69
2. Esquemas básicos dos milagres	83
3. Os milagres de Jesus e o seu contexto.....	85
Considerações finais.....	89
Referências bibliográficas	91
Posfácio	94

PREFÁCIO

O texto bíblico é comparável, metaforicamente, a um bosque com caminhos que se bifurcam. Cada leitor é convidado a fazer a sua opção de direção. Colocar-se diante de um texto bíblico, igualmente, é comprometer-se em fazer escolhas, não apenas da passagem bíblica que vai ler, mas de “como” vai ler para alcançar a sua mensagem genuína, isto é: Palavra de Deus revelada em linguagem humana.

O sentido de um texto passa pelo ato da leitura e da escuta ativa do mesmo, e sua justa interpretação depende do método de leitura. Neste sentido, ao se aproximar do texto bíblico é indispensável começar por excluir dois tipos de leituras muito difusas que, embora se oponham um ao outro, ambos conduzem a interpretações superficiais e até desviadas da Palavra de Deus.

O primeiro tipo de leitura a ser excluída é a chamada *leitura fundamentalista*. Por meio desta, o leitor interpreta tudo literalmente, a começar pelas primeiras páginas da Bíblia. Se está escrito na sentença dada à serpente: “Porque fizeste isso...rastejarás sobre teu ventre e comerás pó todos os dias de tua vida!” (Gn 3,14), quer dizer que antes do pecado a serpente se locomovia de outro modo? Interpretar tudo ao pé da letra significa ignorar os gêneros literários em uso no ambiente histórico-cultural no qual o texto ou uma determinada tradição textual aflorou. A *leitura fundamentalista* rejeita os estudos científicos e metodológicos do texto, essa conduz ao erro ao usar o texto como um manual de receitas sobre os problemas. Para cada situação, uma frase decorada e descontextualizada é apresentada como solução.

O outro tipo de leitura a ser evitado é a *leitura subjetivista*. Neste caso, o que conta é a emoção do leitor diante do texto. A leitura se baseia no estado de humor da pessoa e se ignora como o texto foi interpretado pela comunidade de fé ao longo do tempo. Assim, ao invés de deixar o texto falar, o leitor força o texto a dizer o que quer escutar. O texto é usado como uma porção mágica para confirmar o que seu leitor quer ouvir ou dizer.

Esses tipos de leitura são verdadeiras armadilhas, pois excluem o caráter histórico revelado do texto bíblico. Enquanto Palavra de Deus em linguagem humana, a Sagrada Escritura reflete a mentalidade, a cultura, os erros, a ignorância, a linguagem e os gêneros literários do ambiente histórico-cultural das pessoas que Deus inspirou para escrevê-la. E tudo foi feito de uma forma tão profunda, que “o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que Ele quis comunicarnos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprouve a Deus manifestar por meio das suas palavras” (*Dei Verbum*, n. 12).

Como interpretar um texto Bíblico? É a pergunta que o leitor se faz no momento em que inicia a leitura deste breve livro. Para essa pergunta, o Pe. Leonardo Agostini Fernandes oferece, como resposta, os *sete passos*. Combina teoria e prática pelo estudo do Sl 12, a fim de ajudar o leitor a perceber a relevância das edições críticas da Sagrada Escritura, visando uma justa interpretação e uma correta compreensão de seus textos. O autor apresenta, de forma nada fundamentalista e subjetivista, um estudo sobre *a ira de Deus*; tema presente em diversos livros bíblicos e que, desde sempre, inquietou leitores e leitoras, por sua aparente contradição com a imagem cultivada de um Deus misericordioso, amoroso e paciente, a quem diariamente se chama de “Pai nosso”. Por fim, outra questão crítica é tratada: *Os milagres de Jesus: Mito ou História?* Mais uma vez, o autor expõe a importância de estudar os textos desde o seu contexto histórico-literário para poder compreender a sua mensagem atemporal.

Voltando, portanto, à metáfora do bosque, convido os leitores e leitoras a se aventurarem nos bosques da Sagrada Escritura e a se deixarem conduzir por esse breve livro, pelo qual, certamente, apontará veredas encantadoras. Tenha-se presente que além dos instrumentos que são indispensáveis, a abertura à assistência do

Espírito Santo, que inspirou os hagiógrafos na redação dos textos, é quem se faz presente e assiste os leitores e leitoras na justa interpretação.

Elizangela Chaves Dias

Religiosa da Congregação das Irmãs Missionárias de S. Carlos Borromeu. Sacalabrinianas. Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2016.2). Docente de Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma e no *Scalabrini International Migration Institute – Roma (SIMI)*, Itália. ORCID: 0000-0002-6160-4161



APRESENTAÇÃO

A proposta deste breve livro é muito simples: oferecer três conteúdos temáticos aos que se interessam pela leitura e pelo estudo da Sagrada Escritura, buscando a justa interpretação e a correta compreensão dos seus textos.

No primeiro, apresenta-se um percurso metodológico em sete passos, exemplificado na análise do Sl 12, a fim de ajudar o leitor a perceber a importância de ter edições críticas da Sagrada Escritura e de buscar os sentidos que se encontram subjacentes aos seus textos. Toma-se por bússola, e se reproduz textualmente, a orientação da Pontifícia Comissão Bíblia sobre o “Sentido da Escritura inspirada”. Assim, espera-se evitar o erro do caminho hermenêutico.

No segundo, enfrenta-se o tema da ira de Deus que deixa muitas pessoas perplexas. As dificuldades podem resultar das interpretações que derivam das traduções. Em função disso, sob a síntese do tema apresentado em um verbete, são estudadas e contextualizadas algumas citações bíblicas sobre a locução *ira do Senhor*. Sob a perspectiva do tema, procede-se com a análise do Sl 69.

No terceiro, o olhar se direciona para o tema dos milagres de Jesus de Nazaré. A pergunta proposta é antiga e sempre atual: Mito ou História? Após uma breve reflexão sobre o tema na Sagrada Escritura, alguns esquemas básicos das narrativas dos milagres operados por Jesus são apresentados e se enfatiza a importância que se deve dar à contextualização dos mesmos.

Desejo uma boa e profícua leitura.

Leonardo Agostini Fernandes



Deus, misteriosa presença oculta e ao mesmo tempo revelada em cada criatura, razão última do nosso procurar e esperar. Pai de Jesus Cristo, nosso irmão, o Justo, no qual revelaste o caminho da verdade e da vida. Concede-nos a graça de saber acolher a tua Palavra Encarnada, presente em cada livro da Sagrada Escritura, e de fazer da nossa existência um hino de louvor que a Ti glorifique.

Que a humanidade, em comunhão fraterna, caminhe unida e no amor, na unção do teu Espírito, ao longo da estrada, que conduz ao encontro da Tua face e do Teu abraço paterno.

Tu que vives e reinas, com teu Filho Jesus, na unidade do Espírito Santo. Amém.



I. COMO INTERPRETAR UM TEXTO BÍBLICO?

*Quando as tuas palavras vieram ao meu encontro,
devorei-as com avidez.
A tua palavra foi a alegria e o contentamento do meu coração,
porque eu carregava o teu nome,
Senhor, Deus dos exércitos (Jr 15,16).*

Introdução

Há centenas de milhares de anos que a vida humana no planeta interage de maneira contínua e interpessoal sob a presença de influências externas e internas. De certa forma, o ser humano é o que come e o que bebe, mas, principalmente, ele é fruto do seu ambiente familiar, social e religioso. Estes passam a ter uma forte incidência na vida após uma opção pessoal e se tornam igualmente um fator determinante das intenções e tomadas de decisão.

A integração psicossomática que ocorre nesses ambientes é fundamental para que aconteça o justo equilíbrio entre as emoções e os pensamentos. Pelos sentidos, a realidade que nos circunda é captada e gera emoções positivas ou negativas. Pelos pensamentos, essas emoções são processadas, a fim de verificar a validade das opções e das intenções, de modo a determinar as vontades devidamente iluminadas pela razão.

Os aspectos geográficos, econômicos, sociais e religiosos são fatores que se tornaram úteis para a vida e o ser humano procura desenvolvê-los com a finalidade de proporcionar, para si e para os demais, o máximo bem-estar possível. Na antiguidade, evitar a morte era fundamental. Com a alta taxa de mortalidade infantil, ter muitos filhos era a melhor forma para garantir a existência e se perpetuar a memória pessoal e coletiva (Gn 1,28; 9,1; Jr 29,4-9; Sl 127,3-5).

Não à toa a civilização começou a se desenvolver junto às fontes de águas e dos rios. Bastaria lembrar que a cidade de Jericó, uma das